ANNO XIV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 25 DE FEVEREIRO DE 1900 N.° 822 de "O Povo de Aveiro,

*Redacção e administração*
*R. de S. Martinho*
**Aveiro**

# POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

*Officina de impressão*
*R. de S. Martinho,* AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

**Numero 28**

**Assignaturas**
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
*PAGAMENTO ADIANTADO*

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**Publicações**
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
*NUMERO AVULSO, 30 REIS*

**1.° Anno**

## CONTINUANDO

A eleição do Porto veio em boa occasião e em boa altura. Não sei se os eleitos estarão, ou não, á altura do papel que teem de desempenhar. Dizem-me que sim. Mas eu, principalmente n'essa coisa de republica, estou farto de ouvir dizer que sim sobre aquillo que é não.

Estejam, porém, ou não estejam, certo é que a licção é boa. Sua Magestade antes queria andar oito dias com dôres de dentes de que vêr republicanos na camara. Que elle não os quer vêr, afinal, em parte nenhuma, e parece que se convenceu de que lhes ha de acabar com a raça no seu reinado.

José Luciano, como obediente presidente dos secretarios de Sua Magestade, se el-rei dava os dentes elle dava os olhos da cara para que os republicanos fossem derrotados no Porto. Conseguiu d'aquelle *Venerando* tribunal, que se chama Supremo de Lisboa—supremo é elle, lá isso é, mas nós bem sabemos em quê—que annullasse a primeira eleição. Depois, exerceu todas as suas manigancias para que o resultado eleitoral lhe sahisse conforme os seus desejos. Mas os tripeiros são brutos e déram-lhe com os pratos na cara.

Que não se offendam os tripeiros por eu lhes chamar brutos. Isso, na nossa bocca, e nas circumstancias actuaes da sociedade portugueza, é um elogio. Ser bruto, n'este mercado de graixa, de panellas e de fressura em que está convertido o paiz, é ter caracter, é ser homem.

O tripeiro tem defeitos. Toda a gente os tem. Não foi por convicções republicanas que elegeu, agora, deputados republicanos. Bem o sabemos. Mas o que elle não é é um engraixador, um femea, um sevandija sempre prompto a lamber a bota do poder. Quando lhe dão chicotadas responde com coices.

Está bem. Tomara eu que os homens do meu paiz tivessem a altivez e a dignidade das cavalgaduras bravas dos americanos.

Olhem para as bestas dos americanos, digo eu a alguns, aprendam com ellas e está salvo o paiz.

Ficam a olhar para mim e não percebem. Eu então explico.

A tendencia dos cocheiros é para abusar da força. A tendencia das companhias dos carros é para explorar infamemente o trabalho das bestas.

A companhia, n'essa tendencia, tem poucas bestas e não lhes dá, para poupar, ração sufficiente. As bestas andam estafadas. Que fazem os cocheiros? Moem-n'as com pancada para as fazer andar.

Ora das bestas, umas sujeitam-se a tudo. São as victimas. Matam-se a trabalhar. Morrem extenuadas debaixo do chicote dos carrascos. Outras não se sujeitam, são mais altivas, são mais dignas. Por consequencia, são mais respeitadas.

Como obteem ellas esse respeito? Pelos coices. A cada chicotada respondem com uma parelha de coices. O cocheiro bate duas, tres chicotadas, e ellas respondem com quatro parelhas de coices seguidas. Se o cocheiro se irrita e continúa, então está tudo perdido. As bestas escoiceiam raivosamente, quebram os tirantes, despedaçam os resguardos, apanham de vez em quando a cara do cocheiro, uma do inferno. Os carros não podem andar, os passageiros murmuram e berram, os cocheiros pagam multas até que se veem a convencer de que a unica maneira de se livrarem de trabalhos é respeitar as cavalgaduras, não lhes batendo demais nem lhes exigindo trabalhos excessivos.

E respeitam-n'as. E tratam-n'as bem.

Quem me déra, quem nos déra a todos nós, que os homens d'este paiz estivessem á altura das cavalgaduras d'esse jaez!

Mas não. Só no Porto, e é este o maior elogio que se póde fazer ao tripeiro. O tripeiro ainda não tem educação intellectual nem moral para ter idéas, principios, civismo. Mas, em sentindo o chicote no lombo, está logo de ferraduras no ar.

Bemdicto seja elle!

Com razão ou sem ella, sentiu-se offendido com a historia da bubonica. Prejudicaram-n'o e elle repontou, *refilou*. Não teria grande razão d'esta vez. Mas acabou-se. A' falta de não haver quem *reponte*, quem *refile*, o Porto adquiriu novas sympathias repontando e refilando mesmo sem razão.

Afflige a alma vêr a gente uma besta d'um cocheiro *traz, traz*, a malhar impunemente em cima do burro. Anceia a gente por um desforço da cavallidade. Se o desforço vem, a gente enche-se d'alegria, mesmo que a cavallidade seja manhosa. E alegria tanto maior quanto mais *teso* fôr o desforço.

Anda aqui uma sucia de malandros a malhar impunemente nas lombadas da besta portugueza. Malandros de toda a cathegoria, de toda a especie. Malandragem que vae augmentando tanto mais quanto mais a besta se encolhe e resigna. Dantes ainda o Magalhães Lima e o Manuel d'Arriaga eram um allivio, a dizerem baboseiras iradas nos comicios. Dantes ainda se sentia um certo receio dos republicanos. Agora nem isso havia. Agora a besta estava mettendo nojo. Agora já montava n'ella toda a escoria da nação: prostitutas e prostitutos da mais infima especie.

Abençoados coices do Porto, que vieram em boa altura e em boa occasião! Depois, os coices, ás vezes, são suggestivos; dominam e propagam-se. E para o estado social do paiz bastam coices, n'este momento. Haja muitos, e estamos salvos.

O Porto não é republicano? Pois que não seja. Não tem principios politicos? Pois que não tenha. Põe os seus interesses mercantis acima de tudo? Pois que ponha. Com tanto que dê coices.

E agora foi uma parelha de se lhe tirar o chapéo.

Santo Porto!

Bemdicto Porto!

Que é uma terra do paiz, que ainda tem a dignidade das cavalgaduras dos americanos!

## E' FARTAR...

Affirma-se já que o governo está disposto a sanccionar o monopolio da moagem.

Faz muito bem.

Depois de esmagar o contribuinte com tributos de toda a ordem, não deve poupar á fome o povo que nem sequer tem coragem para escorraçar os especuladores que lhe torturam a vida.

Adeante.

## MANUEL NUNES

Chegou hontem do Brazil este nosso amigo e patricio, que ha annos deixou a patria e familia, indo em busca de fortuna para Matto Grosso. A sorte protegeu-o e em pouco tempo conseguiu uma avultada fortuna que lhe permitte viver sem cuidados pelo futuro dos seus.

A' estação foram esperal-o muitos dos seus numerosos amigos, que lhe fizeram uma recepção festiva e em extremo cordial.

Por nossa parte associamo-nos ao regosijo dos que mais o estimam.

## ANTIGOS TABELLIÃES

Realisou-se ha dias em Lisboa uma grande reunião dos antigos tabelliães, que deliberaram representar ás camaras, pedindo para poderem continuar a exercer as funcções que illegalmente lhes foram extorquidas pelo actual ministro da justiça.

A representação foi já apresentada na camara dos deputados pelo sr. Ferreira d'Almeida.

Não é este governo que lhes faz justiça, contem com isso.

---

Segundo a «Voz Publica», só os fornecimentos para o cordão sanitario em volta do Porto, custaram a fabulosa quantia de 517:392$460 réis!

Por aqui é facil calcular o resto.

## A PROPOSITO DO PADRE

Já n'um artigo anterior transcrevemos estas palavras de Letourneau:

«Mas o grande crime do Christianismo, aquelle que nunca se lhe póde perdoar, é a sua selvagem intolerancia. O jugo sangrento, que a religião de Jesus fez pesar sobre a élite da humanidade, sem ser directamente prescripto no Evangelho, existe n'este, comtudo, em germen, nos versiculos em que o messias christão proclama que veio dividir e não unir, separar o homem de seu pae, a filha de sua mãe, (1) trazer não a paz mas a espada. Uma vez estabelecidos os preceitos não faltaram fanaticos para se encarregarem de tirar d'elles as consequencias praticas. Desde que deixou de ser perseguido, o Christianismo tornou-se violentamente perseguidor. Theodosio prohibiu os cultos dissidentes, e toda a idéa nova foi desde então considerada como inimiga. O espirito do frade Cyrillo arrojando-se sobre Hypathia com a populaça de Alexandria foi, desde a origem, o espirito da Egreja. Durante mil annos, pensar foi um crime e a Inquisição não fez mais do que marcar o fim do furor clerical. Em nome d'uma religião de paz e amor (sic) prendeu-se, tortorou-se, queimou-se. Só no reinado de Carlos Quinto, segundo Grotius, cem mil hereticos foram exterminados nos Paizes Baixos pela mão do carrasco. N'um calculo muito moderado, Llorente avalia em 341:021 o numero dos desgraçados rigorosamente penitenciados ou queimados, quer na realidade, quer em effigie, pela Santa Inquisição, apenas na Hespanha continental. O mesmo escriptor calcula em quinhentas mil as familias que foram destruidas pelo mesmo meio.

Mas as consequencias d'esses horrores vão muito além das ruinas semeadas e das existencias ceifadas; pesam ainda sobre nós. Descendentes, tardiamente emancipados, d'uma raça que desaprendeu de pensar livremente, contrahimos a mancha hereditaria da escravidão intellectual e ainda nos curvâmos instinctamente a um jugo despedaçado.»

Assim o diz Letourneau e, como temos visto, está de pleno accordo com Guyot e outros pensadores eminentes.

O grande crime do Christianismo é, de facto, a sua selvagem intolerancia. O jugo christão tem sido, realmente, um jugo sangrento.

No ultimo dos artigos seguidos, publicados sob a epigraphe que os encima a todos, transcrevemos de um escriptor carola, Alexandre Herculano, um bocado de boa prosa tendente a demonstrar essa intolerancia. Vale a pena continuar. Continuaremos, pois.

Diz Herculano:

«Até o pontificado de Innocencio IV a historia dos progressos da Inquisição nada offerece notavel, senão um facto, d'onde se deduz que os abusos de que em seculos mais modernos ella foi accusada remontam aos tempos da sua fundação. Inventada para satisfazer os impetos do fanatismo; tendo, por isso, origem n'um sentimento impio, embora velado com o manto do enthusiasmo religioso, ella trazia comsigo o desenfreiamento de muitas outras paixões ruins, que igualmente se disfarçavam com as exterioridades do zelo christão. Os odios particulares, a cubiça, os desejos obscenos, quantas vezes não fariam bater debaixo dos escapularios os corações dos inquisidores! Quantas vezes o rosto austero, os olhos cavos e scintillantes do dominicano, erguidos para o céo no momento em que elle vibrava a condemnação e o anathema, não reprimiam a custo a explosão do jubilo por vêr, emfim, saciada uma longa sêde de vingança! Um manicheu convertido, Roberto, por alcunha o Bulgaro (denominação que n'algumas partes se dava aos albigenses, patarenos e outros herejes), o qual professara na ordem dos prégadores, era, pelos annos de 1239, um dos mais ardentes perseguidores dos seus antigos co-religionarios. Por suas diligencias tinham sido queimadas d'uma só vez, perante um grande concurso dos povos da Champagne, perto de duzentas pessoas tidas por hereticas. Em frei Roberto o zelo pela fé era illimitado e insaciavel a sêde de sangue. Protegido por Luiz IX, o seu nome tinha-se tornado o terror das provincias de Flandres, onde, a cada passo, ardiam as fogueiras accendidas por elle. Para que esse terror não diminuisse, onde não podia achar culpados queimava innocentes. A força, porém, do seu ardor veio a perdel-o. Os gemidos de tantas victimas geraram suspeitas. Inquiriu-se do inquisidor e achou-se que era um malvado. Os seus crimes foram taes que o benedictino Matheus Paris, historiador coevo, diz que o melhor é guardar silencio ácerca d'elles. Tiraram-lhe o cargo e condemnaram-n'o a prisão perpetua. Com mais alguma prudencia, quem sabe se hoje o seu nome figuraria no amplo catalogo dos santos da ordem de S. Francisco?

Não só a penalidade contra os delictos de heresia se havia exacerbado com as leis do imperador Frederico, mas tambem as formulas do processo se tinham tornado mais severas desde que o conhecimento d'esta especie de causas pertencia, quasi exclusivamente, aos frades prégadores, depois do concilio geral de Lyão de 1245, em que dois principes, foram depostos, Frederico II de Allemanha e Sancho II de Portugal, celebrou-se um concilio provincial em Béziers, no qual se redigiu, por ordem de Innocio IV, um regulamento definitivo sobre o modo de proceder contra os herejes. Este documento, que reproduz algumas provisões anteriores, tanto dos concilios, como dos papas, accrescentando-lhes outras novas, é assás importante, porque serviu de base a todos os posteriores regulamentos

---

(1) Isso dizia o *manso* Jesus e é isso o que ainda hoje faz a Egreja. Quando foi da *questão das irmãs da caridade* o *Povo de Aveiro* trouxe centenares de exemplos de filhas que repudiaram completamente seus paes e suas mães depois de se terem feito irmãs da caridade. Quem quizer consultar a collecção do *Povo de Aveiro* n'ella encontrará farto manancial de provas a tal respeito. Entre os casos que então citámos, referimos e historiámos, causou funda impressão aquelle que se deu com a filha do celebre advogado Antonio Augusto Coelho de Magalhães, irmão do grande orador José Estevão. Tendo a filha d'esse advogado sido induzida a fazer-se *irmã da caridade*, e fugindo para tal fim, procurou-a seu pae no hospicio de S. Chrispim, em Lisboa. Por um acaso, foi a propria filha quem veio á porta receber o estranho. Vendo seu pae, fingiu desconhecel-o. Increpada por elle, gritou por soccorro. Mais tarde, convidada pelo velho liberal Manuel José Mendes Leite, governador civil de Aveiro, a assistir aos ultimos momentos de sua mãe moribunda, respondeu que a *sua familia era Deus*.

Este celebre caso foi, com outros tambem celebres, historiado e documentado, com documentos authenticos, no *Povo de Aveiro*.

Sobre os homens, o filho do Loutro, de Aveiro, prova que a familia não existe para elles, como não existe para as mulheres, quando se dedicam ao serviço de Deus.

São as doutrinas de Jesus.

da inquisição. Está distribuido em trinta e sete artigos, nos quaes se ordena, em substancia, que chegando os inquisidores a qualquer logar, convoquem o clero e o povo e, depois de fazerem uma pratica, leiam a patente da sua nomeação e exponham os fins que se propõem, ordenando a todos que se acharem culpados de heresia *ou que souberem que outrem o está* a virem, n'um certo prazo, declarar a verdade. Os que assim o cumprirem dentro d'aquelle prazo, chamado *tempo do perdão*, ficarão exemptos das pennas de morte, carcere perpetuo, desterro e confisco. Serão, depois, citados individualmente os que não se houverem apresentado no tempo prefixo, dando-se-lhes termo para comparecerem e liberdade para a defeza; mas, se esta não fôr satisfactoria e se não confessarem as suas culpas, *serão condemnados sem misericordia, ainda submettendo-se elles ás decisões da Igreja*. Os nomes das testemunhas *devem ser occultos aos réus*, salvo se, declarando estes que teem inimigos e dizendo os nomes d'elles, se achar que são as mesmas testemunhas. Quaesquer pessoas *criminosas e infames*, por serem participantes no crime de heresia, devem ser *admittidas por accusadoras e testemunhas*, á excepção dos inimigos mortaes do réu. Os que fugirem serão julgados como se estivessem presentes e, se quizerem voltar, mandal-os-hão prender ou darão fiança, a bel-prazer dos inquisidores. Os que recusarem converter-se fal-os-hão confessar-se como herejes em publico, para depois se relaxarem á justiça secular. A morte não absolve ninguem de perseguição: os *herejes fallecidos serão condemnados*, citando-se os seus herdeiros para a defeza. As penitencias não cumpridas, em todo ou em parte, pelos reconciliados durante a vida devem ser *remidas pelos seus bens* depois de mortos. Ficam condemnados a carcere perpetuo os relapsos, isto é, os que, depois de convertidos, recahirem no erro, os contumazes, os *fugitivos que vierem entregar-se* e os appprehendidos depois do tempo do perdão. Regula-se a policia que deve haver entre estes individuos perpetuamente encarcerados, para os quaes se adopta o systema cellular, e egualmente se estabelece o modo de penitenciar os condemnados a pena menos dura. Ordena-se uma abjuração geral das heresias, feita por todos os habitantes d'aquellas provincias, e que os magistrados e officiaes publicos prestem juramento de ajudarem efficazmente os inquisidores e de exterminarem os herejes. Renova-se a instituição dos commissarios de parochia para fazerem continuas pesquizas pelas habitações, cabanas, subterraneos e esconderijos, destruirem estes e colherem ás mãos os dissidentes. Mandam-se arrazar as casas onde qualquer d'elles se haja occultado, e confiscar os bens dos donos. Estatue-se, finalmente, que os seculares não possuam livros latinos sobre objectos theologicos e que nem seculares, nem sacerdotes os possuam em vulgar sobre taes objectos. A's trévas materiaes dos calabouços ficavam, assim, correspondendo cá fóra as trévas mais espessas do espirito.»

Bem dizia Jesus que *não tinha vindo trazer a paz á terra!*

O que diz Herculano, o que elle proprio sublinha, é pavoroso. E note-se que a besta do doutor Moliço não póde pôr em duvida a religiosidade de Herculano, que não era um dos *gnosticos dos tempos primitivos da Egreja*, nem a sua auctoridade. Isto é, a sua auctoridade talvez ponha. Já se viu que o moliceiro coroado tem audacias de bruto que ninguem mais tem no mundo. Para elle só ha um sábio, que é o Senna Freitas. Mas a sua religiosidade será difficil, porque Herculano era um dos taes que ainda se *curvam instinctivamente a um jugo despedaçado*, o jugo christão, na phrase de Letourneau.

Pois é esse fervoroso catholico quem nos diz e continuará dizendo quanto valia e de quanto era capaz a *mansa religião de Jesus*.

Continuaremos.

## PEIXE MONSTRO

Na Doca do Cojo pescou-se hontem um peixe de dimensões enormes, que se diz ser um tubarão. Os que o pescaram offereceram-n'o aos emprezarios dos bailes do Theatro, que o fizeram em bolos para vender á noite no restaurante.

Procurem, pois, bolos de tubarão.

---

Continúa o inverno a flagelar-nos com os seus rigores.

Quasi toda a semana não tem cessado de chover. Grandes aguaceiros, acompanhados de vendaval nos tem açoitado inclemente.

Irra... que já é demais.

## Desastre.—A illuminação publica

Quando hontem um carro do nosso amigo Fernando Christo se dirigia para a estação conduzindo uma senhora que tinha de embarcar no comboio das 5 da manhã, era tal a escuridão, não obstante achar-se a illuminação publica accesa, que o cocheiro, não podendo distinguir uma ancora das amarras da draga que estão fixas d'um e d'outro lado das ruas da Alfandega e do Caes, guiou o carro na melhor fé possivel de que nenhum obstaculo impedia o caminho, indo desastrosamente precipitar-se sobre a ancora, d'onde resultou voltar-se o carro, a senhora que ia dentro ficar um tanto contusa, e o cocheiro partir um braço.

Ora a quem caberá a responsabilidade d'este desastre cujas consequencias, podendo ter sido mais graves, já o não foram pouco, pois um braço partido não é desastre de tão pouca monta que não mereça o incommodo de uma tal averiguação?

Ao cocheiro, decerto que não, porque as lanternas d'um carro não teem tal poder illuminante que permittam distinguir, a certa distancia, um obstaculo como o que occasionou o desastre.

A illuminação publica estava ainda accesa, logo ainda era de noite. Mas quantas e quantas vezes áquellas mesmas horas, ás 5 da manhã, ella já está apagada?

Apagada ou accesa, o resultado é invariavelmente este: tudo ás escuras. Sim, porque a luz é de tal natureza que a illuminação é inferior á que tinhamos no tempo da illuminação a petroleo. E em geral, depois das 11 horas a illuminação quasi que não dá rumor de si. A companhia, porém, a quem em segundo logar cabe, a nosso vêr, a responsabilidade da pessima qualidade de luz que nos fornece e do desastre occorrido, ri-se de todas as queixas que d'ella se façam, porque a Camara assim o consente, não a obrigando a entrar na ordem. A Camara não; parte d'ella, porque, segundo nos informam, ha já bastante tempo que alguns senhores vereadores fizeram sentir a necessidade de pôr cobro ao modo vergonhoso pelo qual a companhia está zombando impunemente da cidade inteira.

Mas parece que a Camara não quer ter questões com a companhia, nem seguir o exemplo de um dos seus vereadores que sempre será de *saudosa memoria* para a companhia do gaz; e o sr. vereador do pelouro, tanto se importa que a cidade esteja illuminada, como ás escuras, que os carros se voltem e os cocheiros partam os braços, como que nada d'isto aconteça. D'isto não cura s. s.ª Mas se ha algum discurso mettido a martello e que é preciso recitar, lá se apresenta s. s.ª em sessão, bem posto, desmosthénico, fulminante qual outro Jupiter Olympico.

Ora, francamente, não achará a Camara que tem um bom caminho a seguir, fazendo, como o querem alguns vereadores, entrar a companhia nos eixos?

Ahi está o desastre de hontem a reclamar outro modo de proceder. E' preciso que a companhia do gaz não continue a mangar impunemente com as tropas.

## UM CASO ENGRAÇADO

No combate de Roodoosberg, perto de Modder-River, os inglezes foram surprehendidos pelas tropas boers, no momento em que tomavam banho. Aos primeiros tiros os soldados do commando de Macdonald foram para o combate, sem perderem tempo a vestir-se.

Depois, apurou-se que as tropas inglezas corriam melhor com tal novidade de uniforme.

Havia de ter sua graça.

# Cartas d'Algures

22 DE FEVEREIRO.

As *Novidades* vinham hontem, a propssito de inglezes e boers, com artigo *d'um tropa*, em que o tropa cantava as excellencias da cazerna, affirmando, *com arreganho*, que estavam illudidos aquelles que julgavam que se podia *fazer alguma coisa* com *tropas improvisadas*.

Mas as do Transwaal são improvisadas ou não? Não tivemos tempo para reparar no que o tropa dizia a tal respeito. Se *são improvisadas*, provado fica que se póde fazer tudo com ellas. Se não são improvisadas, provado fica que se póde ter um exercito magnifico sem cazernas.

Bem sei. Começa-lhes a doer. Que tenham paciencia.

Começa-lhes a doer porque toda a gente vae vendo, agora, o que os espiritos lucidos viam ha muito tempo, isto é, que os exercitos permanentes são um simples instrumento do despotismo, e mais nada. Democracias como os Estados-Unidos da America do Norte, como a Suissa, como o Transwaal, como o Orange, pozeram-n'os ha muito de parte e nem por isso deixam de ter magnificos soldados e officiaes, admiravelmente armados e instruidos, a par de todos os progressos da sciencia da guerra, para defender a patria.

Diz-se: a Allemanha tem exercito permanente e esse exercito é bom. Tem. Mas o exercito allemão está em perfeito antagonismo com o elemento civil, é constituido por milhares e milhares de homens roubados á industria, á agricultura, á vida da nação, é commandado por individuos que põem a sua qualidade de militar acima da sua qualidade de cidadão, monstruosidade incompativel com os progressos do tempo, que está provocando um conflicto tremendo na Allemanha. O exercito allemão é, como todos os exércitos nas mesmas condições, um cancro roendo, sugando sempre as forças vivas da nação, como a nação vae reconhecendo, procurando anciosamente os meios de fugir a esse mal.

E o exercito Suisso não é inferior, como não é o transwatismo, sem possuir nenhum dos terriveis inconvenientes do exercito allemão.

Doe-lhes, doe. O que se está passando no Transwaal é de uma propaganda terrivel. E por isso as mesmas *Novidades* sustentavam ha dias, em artigo de fundo, que os exercitos das republicas africanas tinham elementos occultos da Europa a guial-os e dirigil-os. Sim, senhor. Todo o mundo percebe. Mas não pega.

Admittir que os labregos, sem exercito permanente, sem luxuosos estados maiores, sem agaloados, sem heroes, se apresentem conhecedores de todos os segredos da guerra, tão bem disciplinados, tão bem instruidos, tão bem commandados como os melhores exercitos até hoje conhecidos no mundo, é uma dos diabos.

Se a moda pegasse para Portugal, quem havia de *manter a ordem?*

A ordem, está claro, é tudo quanto vae desde o Real Paço das Necessidades até á redacção das *Novidades*.

«Eu cá, dizia *um tropa* uma vez, respeito o existente. Eu sou militar. Não sou mais nada.»

— Nem mesmo portuguez? perguntou-lhe outro do lado.

— Portuguez sou, está claro.

— E quando os outros portuguezes não quizerem o existente, que faz você?

— Quando elles proclamarem a republica, acceitarei a republica.

— Então você, concluiu o outro, nem é portuguez, nem é militar. Você é mas é uma besta paga a tanto por dia para carregar. Quando os outros quizerem a republica você dá-lhes porrada, em nome do existente, e ahi ficâmos na mesma.

O Zé vae á urna votar pela republica? Você guarda as costas dos que lhe roubam a urna e ainda por cima lhe vae ás costas d'elle, se fôr preciso.

O Zé vae para a rua gritar contra a immoralidade e contra a ladroeira? Você tapa a bocca ao Zé á espadeirada e á coronhada.

O Zé, n'um impeto de desespero, pega n'uma espingarda para fazer valer os seus direitos? Você varre-o á metralha n'um instante.

Mas vem a republica, apezar de tudo? Você, depois, faz a favor da republica, se a republica quizer, o que fez a favor da monarchia.

Logo, você é só defensor do existente. E' um cão de fila. E' uma besta, paga para ser besta, e só besta. Você não póde ser portuguez, porque você nem chega a ser homem. E' um guarda de serralho. E' um eunucho.»

Disse-lhe a verdade. Synthetisou em poucas palavras todos os exercitos permanentes da velha Europa, que ainda hoje são, nem mais nem menos, as guardas pretorianas da velha Roma.

São puros instrumentos do absolutismo. Objectos de segurança e de luxo. Bons para a ostentação dos imperantes e para dar pau no povo quando tiver fome de pão, de liberdade e de justiça.

E' vêr como elle tem conspirado e conspira na França contra a republica.

Em Portugal, o official do exercito é, por via de regra, modesto, liberal, desprendido, convivendo com o elemento civil e participando dos sentimentos communs. Pois veem-se empregando, ha muito, todos os esforços para lhe tirar esse espirito de confraternidade e de solidariedade nacional. Apregôa-se, eleva-se, exalta-se o espirito militarista, isto é exclusivista, de classe. Faz-se a maior propaganda para que o exercito se isole. Seduzem-se as cabeças fracas e acanhadas com cantatas de disciplina e de gloriolas. Procura-se identificar a causa do exercito na causa da realeza. Que-

---

(28) **FOLHETIM**

# IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

## CAPITULO XII

De Bracy e os outros cavalleiros affeiçoados ao principe João tinham-se ligado ao partido dos mantenedores, em obediencia á vontade de seu amo, que desejava, tanto quanto possivel, assegurar a victoria a esse partido. Muitos outros cavalleiros, tanto inglezes como normandos, do paiz ou estrangeiros, tomavam parte contra os mantenedores, com tanta mais vontade que o seu partido tinha á frente um campeão tão distincto como o cavalleiro «Desamparado».

Logo que o principe João viu que a rainha do dia tinha chegado á arena, foi ao seu encontro com as maneiras cortezes que lhe ficavam tão bem quando queria tel-as, tirou o barrete, e apeando-se do seu cavallo, ajudou *lady* Rowena a descer da sella, emquanto todos os da sua comitiva se descobriam e um dos mais distinctos segurava as redeas do palafrem.

— E' a nossa obrigação, disse o principe João, darmos o exemplo de submissão e lealdade á Rainha do Amor e da Belleza, e sermos nós mesmos o seu guia até ao throno que hoje deve occupar.—Senhoras, accrescentou elle, acompanhae a vossa Rainha e rendei-lhe as honras que desejaes vos sejam prestadas um dia tambem a vós.

Falando assim, o principe conduziu Rowena ao logar de honra que lhe estava reservado e ficava em frente do seu, ao mesmo tempo que as damas mais formosas e distinctas se esforçavam por obter logar o mais perto possivel da sua soberana temporaria.

Assim que Rowena se sentou, elevaram-se aos ares os sons da musica abafados pelas acclamações da multidão, rendendo preito á sua nova dignidade. Entretanto os raios do sol brilhavam vigorosamente e faziam resplandecer as armaduras polidas dos cavalleiros, que, agrupados nas duas extremidades da liça, conferenciavam impacientemente sobre o melhor modo de ordenarem a sua linha de batalha e sustentarem o assalto.

Então os arautos déram a voz de silencio para que pudessem ser ouvidas as regras do torneio. Estas eram organisadas de maneira que diminuiam até certo ponto os perigos da lucta,—precaução necessaria porque n'ella se devia fazer uso de espadas e lanças afiadas.

Era prohibido aos campeões dar golpes de ponta com a espada. Um cavalleiro podia, se lhe approuvesse, fazer uso da massa ou da acha d'armas: mas o punhal era prohibido. Qualquer cavalleiro desmontado podia recomeçar a lucta com um adversario nas mesmas condições, mas nenhum cavalleiro podia atacal-o. Quando um cavalleiro conseguisse repellir o seu antagonista até á extremidade do circo de maneira a fazer-lhe tocar a palissada com a sua pessoa ou com as suas armas, este era obrigado a confessar-se vencido e o seu cavallo e armadura ficavam á disposição do vencedor; e ao cavalleiro vencido d'esse modo não era permittido tornar a entrar no combate. Se um dos combatentes fosse atirado ao chão e ficasse incapaz de se pôr a pé, o seu escudeiro ou o seu pagem podia entrar na liça e leval-o para fóra; mas n'esse caso as suas armas e o seu cavallo eram confiscados. O combate devia cessar quando o principe João lançasse na liça o seu bastão de commando,—outra precaução tomada usualmente para impedir a inutil effusão de sangue pela demasiada duração de uma lucta tão desesperada. Todo o cavalleiro que transgredisse as regras do torneio ou de qualquer modo faltasse ás leis da briosa cavallaria, ficava sujeito a ser despojado das suas armas e, com o escudo voltado, exposto á irrisão publica escarranchado sobre as tra-

rem-no fradesco, áparte do povo, vivendo só dos quarteis e para os quarteis. E tem-se conseguido alguma coisa n'esse sentido. Não muito. Os propagandistas esbarram nas tendencias simples e modestas da maior parte dos officiaes do exercito.

Não são para grandes actos de revolta, esses officiaes. Aguentam a albarda de cima menos mal. Mas ficam-se ahi. Para montar elles proprios não servem. Não são para cavallarias altas. Gostam de viver terra á terra, sem fantochadas nem luxos. E ai de nós quando elles não forem assim!

Não teem conseguido grande coisa, os propagandistas, e, agora, esbarram n'aquelle grande exemplo do Transwaal. Se os tropas de cá se vão convencendo de que os exercitos permanentes só servem para instrumento do despotismo, quem ha *de manter a ordem?*

E' talvez uma das razões porque as *Novidades* são mais inglezas que os proprios inglezes e porque, a toda a hora, manifestam a sua má vontade aos boers. O official do exercito sabe que, quer haja exercito permanente, quer não, elle, official, ha de sempre existir como elemento de instrucção, de organisação, de concentração. Theoricamente, sorria-lhe—bestas á parte—a idéa do exercito nacional, mais compativel com a dignidade d'elle e com a dignidade do paiz. Mas restava-lhe uma duvida, que era a d'um exercito n'essas condições ter a precisa solidez guerreira. Dizia-se que não. Os doutores da milicia, os agentes directos do despotismo, riam-se d'essa utopia. Eis, porém, a guerra hispano-americana que começa a dar a licção pratica, e eis a guerra anglo-transwaliana que vem acabar essa licção!

Elles podem dizer o que quizerem: que o terreno se presta a isto ou áquillo, que as condições do clima são estas ou aquellas, que ha elementos occultos entre as tropas do Transwaal, que não convencem ninguem de que o exercito transwaliano não seja excellente, sob todos os pontos de vista, independente de todos os terrenos e de todos os climas, excellente por si só, dispensando todos os elementos occultos, e excellente comparado, não com o exercito portuguez, mas com os melhores exercitos do mundo.

Para que serve então essa coisa que nós temos para ahi com tanta despeza e com tanto sacrificio?

Ora essa? Já o dissémos: serve para *manter a ordem.*

E' uma verdade que se impõe.

Não se ralem. O exercito portuguez nem sequer tem effectivos de instrucção. Não se instrue o soldado porque não ha soldados, ainda que houvesse dinheiro, e não se instrue o official porque soldados não ha. O que existe entre nós é um pobre simulacro de exercito. Podia-se ir instruindo o official se não estivesse sempre na dependencia de regulamentos de instrucção que foram feitos para uma hypothese falsa, isto é, para effectivos que não existem nunca. A hypothese não se realisa, a inutilidade do exercito, como elemento de guerra, é manifesta em Portugal.

Não seria muito melhor formarmos outra hypothese, partirmos d'outro ponto inicial, assentarmos n'outra organisação militar, modelada na do Transwaal, na da Suissa, ou aproximadamente?

Valha-nos Deus. E a *ordem?* E o *existente?*

O presidente da republica da Suissa não tem luxos de representação. O tio Paulo é um pobre homem que não precisa de fardas douradas na sala do throno nem á estribeira.

E o nosso chefe do Estado é chefe por direito divino. Representa Deus. O decoro do culto exige coisas ricas, faustosas, esplendorosas, como são os doirados e os penachos dos nossos generaes.

Eis porque o Navarro, que é santo, anda tão agoniado com os boers, a ponto de não admittir, nem mesmo com a intervenção e auxilio de maniputos, que sejam elles que vençam os inglezes.

Não são elles.

E' a alma dos allemães, ou dos francezes, que elles, boers, trazem mettida no corpo.

A *mania da ordem* ainda ha de dar com o Navarro em doido.

*A. B.*

## DIABRURAS DO TEMPO

O temporal levou hontem á tarde o *capacete* do coreto do jardim publico, indo pôl-o direitinho, como por mão de mestre, em cima do telhado da capella da Senhora da Ajuda.

## BAILES DE MASCARAS

A animação por estes divertimentos tem crescido de ponto. Os emprezarios dos bailes do Theatro, honra lhes seja, não se teem poupado a esforços para proporcionar aos *habitués* todos os attractivos e commodidades, motivo pelo qual o publico os tem distinguido com uma frequencia mais do que usada.

Teem-se visto alli muitas das nossas mais gentis tricanas, umas em caprichosos disfarces, outras nos seus trajos habituaes, galantes, bem postas, sempre com aquella graça aguda que as caracterisa e que é uma arrelia permanente para os Tenorios da ultima geração.

No domingo passado houve um premio de 3$000 réis offerecido pela Direcção do Theatro. Ganhou-o o sr. Francisco da Costa que se apresentou vestido de *peste bubonica.* Este sr. cedeu o em beneficio dos fundos destinados á construcção do novo hospital.

Ao baile particular do dia 14 seguiu-se o de quarta-feira passada. Os camarotes e frizas estavam repletos de espectadores. Cá em baixo, no paleo e na plateia, fervilhava em burburinho doidejante a multidão dos pares. As côres vivas e variadas dos trajos carnavalescos a que as luzes das salas davam tonalidades fugitivas, punham n'este conjuncto ondeante uma nota de enthusiastica alegria.

As nossas tricanas capricharam.

A' animação mais completa alliou-se a ordem e decencia mais louvaveis, ordem e decencia que, diga-se de passagem, os emprezarios sempre teem mantido, mesmo nos bailes publicos, pelo que já conquistaram as sympathias de todos.

De resto, escusado é affirmal-o, o Theatro é casa propria para estes divertimentos, não só pelas commodidades que offerece aos espectadores, como pela sua situação central e amplitude dos seus salões; accrescendo que a empreza tem um restaurante bem fornecido para todos os paladares, desde a appetitosa espetada do mexilhão aos ovos molles d'Aveiro.

A' mascara que melhor se apresentasse no baile de quinta feira, offerecia a Direcção do Theatro um lindo alfinete d'ouro. Foi ao sr. Freire que o jury o concedeu. Este sr. apresentou-se mascarado *de boer,* procurando por toda a parte o *amigo inglez.*

Na sexta-feira, a pedido de uma commissão que para tal fim se organisou, houve novo baile de socios, dansando-se com grande enthusiasmo até á madrugada.

Appareceram alguns mascaras. Um d'elles era uma allegoria ás eleições do Porto. Pela frente vestia de vermelho, trazendo no chapéo a cabeça de «O Norte», e no peito uma urna desenhada, com uma lista a entrar, e na qual se lia a palavra *independencia;* por baixo da urna eleitoral, os nomes dos deputados eleitos cercados por uma corôa de plantas naturaes. Pela parte de trás vestia de azul e branco. Lia-se no chapéo embicado o titulo de «O Primeiro de Janeiro». Nas costas via-se uma urna, com uma lista que dizia *servilismo;* e mais abaixo, ao fundo das costas, atravessado pela palavra *resultado,* pendia um lenço... sujo. As côres azul e branca estavam manchadas com nodoas da bubonica—*barretes phryyios.*

*

Os emprezarios preparam para estes tres dias que restam grandes surprezas.

E é aproveitar, que o entrudo só volta para o anno!

Tanto no salão da Praça do Peixe, como no Theatro, cabe muita gente.

Aos bailes, pois!

*

— Hoje, ámanhã e além, ha tambem bailes no Carril.

*

A auctoridade prohibiu que nos bailes publicos de mascaras dansassem creanças de menos de 14 annos, e que nos salões entrassem velhas ou mulheres com creanças ao collo. No Theatro vão para os camarotes e frisas, onde estão livres de calcadellas e trambolhões.

## SOLEMNIDADES

Hoje, ámanhã e além tem logar na parochial egreja da Vera-Cruz a costumada solemnidade das Quarenta Horas.

## "O PIMPÃO,,

Em audiencia geral respondeu no dia 22 o sr. Alfredo de Moraes Pinto, proprietario e director do periodico artistico-humoristico «O Pimpão», accusado em duas querellas pelo ministerio publico por ter infringido a lei de imprensa, dando publicação a artigos e gravuras que o referido agente reputou offensivos da moral publica. As gravuras eram copias de quadros expostos no «Salon» de Paris, admiradas por todos os que o visitam, sem exclusão de edades nem de sexos. Em França ninguem tem a ideia peregrina de mandar fechar o «Salon» sob pretexto de que a exposição de taes obras artisticas constituam uma offensa permanente á moral publica.

Em Portugal as coisas mudam. «O Pimpão», reproduzindo por copia aquelles quadros, offende a moral publica dos que o compram para o lêrem em particular. Quer dizer: offende a moral publica do particular, e a moral particular do publico. Mas quem manda a ninguem comprar «O Pimpão»? Não sabem o que elle é? Sabem, sabem. Mas vão dizendo: escondam, que não quero vêr isso,—e tapam os olhos com as mãos, deixando os dedos bem abertos.

Terminando.

O jury deu, por unanimidade, como não provado o crime de offensa á moral publica dos que lêem o «Pimpão» em particular, ou á moral particular dos que o lêem em publico.

## POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro —Lisboa.

Certo parocho para se ver livre de muitas pessoas que queriam confessar-se a elle, annunciou, á missa conventual, que ás segundas-feiras confessaria os mentirosos, ás terças os avarentos, ás quartas os calumniadores, ás quintas os ladrões, ás sextas os libertinos e aos sabbados as mulheres de procedimento irregular.

Teve bom exito o plano, ninguem appareceu.

Um policia, ajudando um bebedo a levantar-se.

— Você não tem vergonha de se ter posto n'este estado?!

— Então que quer o amigo? Enterrou-se hoje minha sogra, e nem todos os dias ha d'estas alegrias...

**Jayme Duarte Silva**
ADVOGADO
R. DO SOL—AVEIRO

## PROCISSÃO

E' na proxima quarta-feira que se realisa a procissão da cinza. N'esse dia afflue á cidade grande quantidade de povinho das aldeias visinhas.

## MASCARADA

Se o tempo o permittir, sahirá hoje de tarde uma «cegada» que percorrerá as ruas tocando e cantando.

## PHARMACIA VILLELA DE BARROS

O sr. Villela de Barros, proprietario da antiga pharmacia Vidal Oudinot, brindou-nos com alguns exemplares do Almanach Parisiense e da Folhinha do dr. Ayer, que muito agradecemos.

N'esta pharmacia encontrará o publico todos os medicamentos de que precisar, tanto nacionaes como estrangeiros.

Hoje e terça-feira ha no Gremio Aveirense dois bailes de carnaval.

## O movimento feminista

«A hora da mulher, diz o celebre economista inglez Stwart Mill, parece ter-se ouvido.»

Na Europa e na America esse movimento tem obtido verdadeiros triumphos, e a mulher vae conquistando civilmente e politicamente direitos que até agora lhe não eram concedidos. Ha individualidades femininas de uma alta representação n'este movimento:—Lady Aberdeen, na Inglaterra, Madame Popelin, na Belgica, e a slava Madame Chéliga, que fundou a «União Universal das mulheres» e o «Theatro feminista».

As proprias chinezas e japonezas tornaram-se fanaticas da emancipação. Constituiram *comités,* fundaram sociedades. N'um primeiro manifesto, as chinezas prohibiram aos seus adeptos a deformação dos pés de seus filhos. E no Oriente, a monogamia, que tende mais e mais a substituir a polygamia nas classes ricas, é um dos bellos resultados do movimento femenista.

## Contra a «influenza»

Um remedio simples contra a influenza:—Uma chavena de chá preto, bom e forte, exprimer sobre elle um limão maduro e deitar uma colher de assucar branco. Tomal-o tépido, abafando-se bem o doente para transpirar.

---

vessas da estacada, em castigo do seu procedimento desleal.

Depois de terem proclamado estas disposições, os arautos concluiram com uma exhortação a todos os bons cavalleiros para cumprirem os seus deveres e para merecerem o premio da Rainha da Belleza e do Amor. Terminada esta proclamação, os arautos retiraram-se para os seus logares respectivos. Então os cavalleiros entraram pelos dois lados da arena, fazendo uma longa procissão, e ordenaram-se em filas dobradas, precisamente uns em frente dos outros. O logar do chefe de cada partido era no centro da primeira fila, mas elles só o occuparam depois de terem disposto cuidadosamente as suas fileiras e terem postado cada um no seu logar.

Era um espectaculo ao mesmo tempo grandioso e impressionador ver tantos valentes campeões, magnificamente montados e cobertos de ricas armaduras, preparados para um recontro tão formidavel, firmes nas suas sellas de guerra como outros tantos pilares de ferro, e esperando o signal do combate com o mesmo ardor dos seus generosos corceis, que, relinchando e escarvando o chão, davam signal da sua impaciencia.

Como os cavalleiros tinham as suas compridas lanças aprumadas, o sol fazia-lhes faiscar as pontas; e as bandeirolas de que estavam ornadas fluctuavam por cima dos pennachos dos capacetes. Assim se conservaram emquanto os marechaes do campo visitavam as fileiras com a mais rigorosa attenção para se certificarem de que nenhum dos partidos tinha mais nem menos do que o numero marcado. Tendo encontrado a conta certa, os marechaes retiraram-se da arena e Guilherme de Wivil, com voz de trovão, pronunciou as palavras que constituiam o signal convencionado:—*Laissez aller!* Os sons das trombetas estrugiram no mesmo instante, os cavalleiros puzeram as lanças em riste, metteram esporas aos cavallos, e as duas primeiras filas de cada lado arremeteram uma contra a outra a todo o galope e encontraram-se no meio da arena com um estampido de tal ordem que se ouviu a uma milha de distancia. As segundas fileiras de cada lado avançaram a passo mais moderado para protegerem os vencidos e para tomarem parte no successo dos seus partidarios vencedores.

As consequencias do recontro não puderam ver-se a principio porque o pó levantado pelo tropel de tantos cavallos toldou o ar de nuvens espessas e só um minuto depois os espectadores anciosos puderam ver qual fôra a sorte dos combatentes. Quando estes se tornaram visiveis, conheceu-se que metade dos cavalleiros tinham sido desmontados: estes por um dextro golpe de lança de seus adversarios; aquelles pela superioridade do peso e da força dos seus antagonistas, que ao mesmo tempo tinham derribado cavallo e cavalleiro; uns estavam estendidos por terra como se nunca mais tivessem de se levantar; outros estavam já a pé e luctavam braço a braço com os seus adversarios que se achavam na mesma posição; e muitos de ambos os lados tinham recebido feridas que os inutilisavam para o combate, procuravam estancar o sangue com as cintas e esforçavam-se por se safarem do tumulto. Os cavalleiros que se tinham conservado nas sellas, e que quasi todos haviam partido as lanças na violencia do encontro, tinham puxado das espadas e, soltando os seus gritos de guerra, luctavam furiosamente, como se a sua honra e a sua vida dependessem do resultado do combate.

O tumulto cresceu quando avançou a segunda fileira de cada partido, que, funccionando como corpo de reserva, acudiu em soccorro dos seus companheiros. Os sectarios de Brian de Bois-Guilbert bradavam:—«*Ak! Beau-seant! Beau-seant* Pelo templo! Pelo templo!» Os do partido opposto clamavam em resposta:—«*Desdichado! Desdichado!*» grito de guerra que tinham toma-

ARMAZENS

DA

# BEIRA-MAR

DE

## MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

## AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
*(Luz. Cam.)*

**Preços fixos** — VENDAS SO A DINHEIRO

**CONFECÇÕES:** Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.**

---

# FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

## Manuel Homem de C. Christo

**Vendas de farinhas, e sêmeas**

**Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho**

RUA DA ALFANDEGA

**AVEIRO**

---

## BARRA—PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

**VINHO DE MEZA**:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo se vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

---

## Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

---

## ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

**Praça do Peixe—AVEIRO**

---

## OFFICINA DE CALÇADO

DE

**João Pedro Ferreira**

*AOS BALCÕES* — **AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

---

## Hotel Cysne Boa-Vista

**AVEIRO**

**Recommenda-se pelo aceio e seriedade com que se trata**

*Excellente serviço de meza*

---

## ATELIER DE ALFAETERIA

DE

**Joaquim Ferreira Martins**

(O GAFANHÃO)

**R. da Costeira—AVEIRO**

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encommendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

---

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

**Manuel Rodrigues da Graça**

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

---

## Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

**José Gonçalves Gamellas**

*Praça do Peixe*—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho.

---

# AO COMMERCIO E AO PUBLICO

**ALBINO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.**

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoite das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

**Rua Direita (Largo do Manuel Maria)**

**AVEIRO**

---

## SAPATARIA AVEIRENSE

DE

## Marques d'Almeida & Irmão

**AOS BALCÕES**

**Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos**

---

## José Gonçalves Gamellas

*A' PRAÇA DO PEIXE*

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

---

**Vinho de Collares**—Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende cada garrafa a 120 réis.

---

## TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CHRISTO

**Rua da Alfandega**

---

## TYPOGRAPHIA

DO

## POVO DE AVEIRO

**Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.**

**RUA DE S. MARTINHO**

AVEIRO

---

**FERRAGENS**, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó, vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento, sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

**Domingos José dos Santos Leite**

RUA DO CAES

AVEIRO